

# A ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DO SUICÍDIO ATRAVÉS DA NARRATIVA DE UM AMOR IMPOSSÍVEL NA OBRA *OS SOFRIMENTOS DO JOVEM WERTHER*, DE GOETHE.

Claudemir Carlos PEREIRA<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho foi elaborado de acordo com as leituras de textos sugeridos e pelas aulas assistidas na disciplina Introdução de Estudos de Literatura e Filosofia cujo objetivo era a análise da construção do suicídio através das cartas e do sofrimento do personagem Werther, revelando a impossibilidade de concretizar o seu ideal romântico de amor pela jovem Charlotte. Nesse sentido, este trabalho discorre sobre a influência da obra “Os Sofrimentos do Jovem Werther”, de Goethe no contexto histórico do século XVIII como precursor do Romantismo Alemão e no movimento chamado de Sturm und Drang (“Tempestade e Ímpeto”).

**Palavras-chave:** Sofrimento. Romantismo. Suicídio. Werther. Goethe.

## ANALYSIS OF SUICIDE CONSTRUCTION THROUGH THE NARRATIVE OF A LOVE IMPOSSIBLE AT WORK THE SORROWS OF YOUNG WERTHER BY GOETHE

**Abstract:** This work was done in accordance with the suggested texts readings and the classes attended the course Introduction to Literature and Philosophy Studies whose aim was to analyze the construction of suicide through letters and the suffering of the character Werther, revealing the impossibility of achieving the romantic ideal of love for young Charlotte. In this sense, the work discusses the influence of the book “The Sorrows of Young Werther”, by Goethe in the historical context of the eighteenth century as a precursor of German Romanticism and the work influence the movement called Sturm und Drang (“Storm and Urge”).

**Keywords:** Suffering. Romanticism. Suicide. Werther. Goethe.

### Introdução

O livro *Os sofrimentos do jovem Werther*, publicado em 1774, do alemão Johann Wolfgang Von Goethe (1749-1832), é uma das grandes obras da literatura mundial. E pode ser pensado como um exemplo do uso da literatura como fonte para o entendimento de ícones marcantes da Filosofia, tais como o tema do suicídio<sup>2</sup> que é fortemente retratado no livro de Goethe. É um romance epistolar<sup>3</sup>, no qual o

---

<sup>1</sup> Graduando em Ciências Sociais. UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Faculdade de Ciências e Letras. Araraquara – SP – Brasil. 14801-900 - ccpereira75@hotmail.com

<sup>2</sup> A palavra tem origem no latim suicidium, de sui (a si) e caedere (matar), e significa a autoeliminação, ou a morte da pessoa provocada por ela própria, voluntariamente, empregando contra si meios violentos.

<sup>3</sup> Técnica muito comum na Europa durante o século XVIII e XIX que consiste em estruturar o romance através de cartas.

personagem título está de viagem a negócios e encaminha suas cartas ao amigo Wilhelm, narrando seus fatos corriqueiros e seus sentimentos e angústias, até o encontro com a bela Charlotte, fato este que mudará para sempre a sua vida, resultando em uma paixão avassaladora que o levará ao deslumbre do primeiro grande amor juvenil, seguido progressivamente do próprio aniquilamento existencial.

Embora ambos, Werther e Charlotte, vivessem, de fato, uma história de amor, o rapaz não pode ser correspondido completamente por sua amada, já que a mesma é noiva de outro homem. Werther, por sua vez, em seu desespero de não poder concretizar o seu desejo, não vê outra saída e põe um fim em sua vida, dando um tiro na própria cabeça. O momento de seu suicídio é um dos episódios mais comoventes do livro e, considerado por muitos, da história da literatura ocidental. O tom realístico e perturbador do romance provocou uma verdadeira comoção entre os jovens da época, que atraídos pelo espírito passional e depressivo de seu respectivo protagonista, resolveram seguir o mesmo rumo pondo fim em suas próprias vidas.

A fase romântica tem como um de seus traços marcantes o diálogo quase constante entre o amor impossível e a renúncia. As limitações provocadas pelo pudor permitem apenas a idealização de amores e os personagens nem sempre passam da condição de apaixonados para a de amantes. E a agonia de ter que viver o impossível conduz, às vezes, ao ato extremo, o suicídio. Alguns críticos dividem a obra caracterizando sua primeira parte, que vai até o meio do livro, como mais filosófica, e a parte final como mais descritiva, onde o protagonista narra os acontecimentos e tormentos com Lotte (a musa idealizada).

No romance *Os sofrimentos do jovem Werther* não se trata apenas da história de um amor impossível, faz, antes, a exaltação apologética da autoquíria do personagem. É em meio a este enredo de amor ideal e recusa que permeiam os conceitos de autodestruição de Werther. As ideias suicidas apareceram cada vez mais fortes na sua vida, e Goethe narra de maneira dramática e compulsória todo o sofrimento experimentado pelo jovem apaixonado.

Na última parte do livro, a fala do narrador (Wilhelm) aparece intercalada às cartas de Werther. Transcreve, então, o episódio mais marcante e preponderante para a final atitude do personagem, o beijo na amada. Na última noite em que se encontraram, emocionados com a leitura de Werther sobre Ossian<sup>4</sup>, eles se beijaram. Charlotte se

---

<sup>4</sup> Os poemas atribuídos ao bardo Ossian foram mostrados ao mundo como relíquias do século III D.C. A esse “Homero do norte”, como viria a ser conhecido, seriam atribuídos dezesseis fragmentos, dois épicos

irrita com o gesto, o afasta e pede ao mesmo que se vá embora. O amor entre os dois era recíproco, mas impossível. Na mesma noite, Werther desesperançado, pega uma pistola tomada outrora emprestada do noivo de Charlotte e dá um tiro em seu olho direito.

Apesar de ser uma obra ficcional, a sua análise possibilita uma melhor compreensão desse homem encontrado no início do século XIX. As diversidades de sentimentos expressados, paradoxais muitas vezes, dramáticos e antitéticos, mostram uma pluralidade de emoções existentes nos autores desses romances. Lotte é a personificação do ideal de mulher apresentado para a alta sociedade alemã da época. Uma jovem criada para o casamento, com erudição, destreza e delicadeza.

Werther tem sua única garantia de felicidade em Lotte, mas tal condição é inalcançável. Esse é o problema que estabelece o personagem como um herói trágico, e à medida que nos aproximamos do final do livro, a constatação dessa tragicidade se torna cada vez mais óbvia, de modo que ao fim da segunda parte, quando alcançamos a “Nota ao Leitor”, o desfecho do protagonista não nos é uma surpresa. Isto porque não é o sobressalto que o faz trágico, mas a verificação de que, de fato, o destino de Werther é inalterável, pois a sua própria essência o conduziu a tal destino.

De maneira sintética, a mulher no movimento romântico é vista cada vez mais como um ser intangível e puro, angelical. Esse romance também demonstra o sofrimento pelo amor sentido por Werther, mas impossível de ser consumido. *Os sofrimentos do jovem Werther* foi um marco na obra romântica alemã e europeia por trazer esses elementos, e a jovem pela qual o personagem título se apaixona loucamente, é uma mostra do que era procurado numa dama do período.

### **O *Sturm und Drang* e a sua influência no Romantismo Alemão**

Na Europa de meados do século XVIII, como resposta ao racionalismo iluminista e ao classicismo francês, que norteavam as noções de arte da época, surge na Alemanha um movimento que viria a ser considerado o precursor do romantismo. Batizado como *Sturm und Drang* (“Tempestade e Ímpeto”)<sup>5</sup>, peça homônima do autor

---

(*Fingal e Temora*) e vinte e um poemas narrativos ou dramáticos de menor extensão. Seu suposto tradutor e editor seria o jovem escocês James Macpherson (1736-1796), um poeta obscuro proveniente dos Highlands, que surgira para o então famoso *Edinburgh literati* (dentre os quais se destacam John Home, Hugh Blair e Adam Ferguson) como profundo conhecedor do idioma e da poesia gaélica cantada pelos bardos de sua terra natal.

<sup>5</sup> A peça “*Sturm und Drang*”, publicada em 1776, tematizava a revolução americana.

alemão Friedrich Maximilian Klinger<sup>6</sup>, em que se valorizava uma estética das emoções, do misticismo, do entusiasmo e da subjetividade.

Entre as décadas de 1760 e 1780, nomes como Friedrich Schiller, Johann Herder, Jakob Lenz, Heinrich Wagner e Johann Wolfgang Von Goethe se opuseram à obsessão racionalista que se verificava em todo o ocidente.

Durante o *Sturm und Drang* é possível perceber um dos ideais mais fortes do romantismo, a saber: a idealização da natureza como a expressão máxima do divino e da espontaneidade criativa. Não mais como os clássicos – que almejavam imitar os produtos da natureza com exatidão e fidelidade – os artistas românticos percebiam a natureza como um princípio produtor, ao qual a arte deve se igualar também como processo criativo espontâneo.

Esse movimento literário desperta nos mais jovens a ideia de que a Alemanha estava seguindo um curso antinatural ao imitar as ideias francesas, e de que era preciso recorrer aos sentimentos verdadeiros, provindos do amor à natureza à liberdade e à solidão como forma de combater a frieza intelectual e à imoralidade da aristocracia cortesã.

Dentre as inúmeras obras geradas por este movimento, destaca-se a de Goethe; *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, publicada primeiramente em 1774. Romance escrito em formato de cartas narra a trajetória de um jovem burguês que, incapaz de se enquadrar nos parâmetros de uma sociedade moderna, artificial e hipócrita, decide se isolar em uma vila bucólica e lá conhece Charlotte, o amor de sua vida. Goethe em seu prefácio escreve aos seus leitores demonstrando o caráter romancista de sua obra.

Juntei tudo o que foi possível recolher acerca do pobre Werther, e aqui lhes apresento, seguro de que por isso vocês irão me agradecerem. Também sei que não poderão recusar sua admiração e amizade ao espírito e caráter desse jovem, e nem deixarão de verter lágrimas por seu destino. E você, bom homem, que sente as mesmas angustias do desafortunado Werther, que você possa encontrar consolação em seus pensamentos; e que faça deste livro um amigo, se não puder encontrar, por força do destino ou por própria culpa, alguém mais próximo. (GOETHE, 2010, p. 11).

Essa recepção polêmica e impactante já seria o primeiro indício da importância que o romance de Goethe alcançaria ao longo do tempo. A burguesia, que estava em

---

<sup>6</sup> Friedrich Maximilian Klinger (1752-1831) foi um escritor alemão pré-romântico, nascido na cidade de Frankfurt. Em 1775 publicou uma tragédia intitulada *Die Zwillinge* e um ano depois o drama *Sturm und Drang*, que deu seu nome a um movimento literário inteiro da literatura alemã e mundial, seus principais representantes alemães são Goethe e Friedrich Schiller.

contínua ascensão naquele período de plena expansão do ideário e formas do capitalismo, encontrou suas temáticas e seus ideais bem representados na figura do protagonista; um sujeito singular, passional, irreverente e dotado de uma sensibilidade única, que encontra alento no contato direto com a natureza, aqui expressa como materialização do divino, do sagrado e da beleza sublime e ideal. Werther é um sujeito romântico, um espírito livre e não aceita ser escravo do mundo materializado pela sociedade capitalista e de suas agruras.

A vida humana não passa de um sonho. A muita gente ocorreu essa impressão que também me acompanha por toda a parte. Quando vejo os limites que aprisionam as faculdades de ação e pesquisa do homem, e como toda atividade visa apenas satisfazer nossas necessidades, que por sua vez não tem outro objetivo senão prolongar nossa mísera existência; quando verifico que toda tranquilidade em relação a certos pontos não passa de uma resignação sonhadora, como um prisioneiro que enfeitasse de figuras multicoloridas e luminosas perspectivas as paredes de sua prisão [...] tudo isso, Wilhelm, me faz emudecer. Concentro-me e encontro um mundo em mim mesmo! Mas, também aí, é um mundo mais de pressentimento e desejos obscuros do que de imagens nítidas e forças vivas. Tudo flutua vagamente em meus sentidos, e assim, sorrindo e sonhando, prossigo na minha viagem pelo mundo. (GOETHE, 2010, p. 18).

Em um primeiro momento de devaneio, Werther exhibe sua relação íntima com a paisagem bucólica de Wahlheim. Em sintonia com a natureza, ele experimenta imensa felicidade e suas cartas demonstram sua entrega diante da torrente de gozo e emoções, o que evidencia seu gênio extremamente romântico.

Reina em minha alma uma serenidade maravilhosa, semelhante à das doces manhãs de primavera que procuro fruir com todas as minhas forças. Estou só e abandono-me à alegria de viver nesta região criada para as almas como a minha. Estou tão feliz, meu amigo, e de tal modo mergulhado no tranquilo sentimento de minha existência [...] Quando em torno de mim se exalam todos esses aromas deste vale encantador, o sol alto procura devassar a impenetrável penumbra da minha floresta, e apenas alguns dos seus raios conseguem insinuar-se no interior deste santuário [...] e o mundo em redor e o céu infinito repousam em minha alma como a imagem da mulher amada. Então, frequentemente suspiro e digo a mim mesmo: Ah, se você pudesse exprimir tudo isso! Se pudesse passar para o papel tudo o que palpita de você com tanto calor e plenitude, de modo que essa obra se tornasse o espelho de sua alma [...] (GOETHE, 2010, p. 14-15).

Muitas das temáticas recorrentes do movimento romântico se estabelecem a partir da obra, como a idealização da mulher amada, a vitória das emoções sobre a

razão, a crítica à artificialidade das relações sociais, a relação entre arte e natureza e, principalmente, o inevitável e trágico destino do protagonista. Romantismo puro, depressão agonizante, tristeza profunda, sacrifício altruísta e amor platonicamente idealizado são palavras que resumem todos os sofrimentos que o jovem Werther relata em suas cartas.

Após conhecer Lotte, a felicidade do protagonista alcança o limiar da plenitude e se intensifica na medida em que a convivência os aproxima. Novamente, o lirismo e o romantismo das cartas trocadas com seu amigo Wilhelm desempenha um papel fundamental para que o leitor mergulhe nos sentimentos de Werther.

Por que não lhe tenho escrito? Justamente você, que é um sábio, me pergunta isso? Devia ter adivinhado que estou bem e que [...] resumindo, conheci alguém que tocou meu coração. Eu [...] eu não sei mais o que dizer. Não é fácil contar-lhe na ordem como as coisas aconteceram que me fizeram conhecer a mais adorável das criaturas. Sinto-me contente, feliz; [...] É um anjo! [...] Ora, já sei que todos dizem isso de sua amada, não é verdade? Todavia, é-me impossível dizer a você o quanto ela é perfeita, e também o porquê de ser tão perfeita. Só isto basta: ela tomou conta de todo o meu ser. (GOETHE, 2010, p. 23).

Werther se perde em seus impulsos e sentimentos amorosos, tendo cada vez menos controle sobre seus atos. Os dias passam e Werther se torna cada vez mais imerso em sua própria trama, o que se agrava com o retorno do noivo de Lotte à cidade. A alegria do convívio diário com sua amada começa a se diluir, e o ato de se corresponder com Wilhelm adquire maior importância. Como não pode realizar seus desejos mais profundos, escrevê-los passa a ser a forma mais próxima de concretizá-los. Isto é claramente observado pela exaltação em suas cartas.

### **Os Caminhos Filosóficos do Amor**

O Amor romântico exige que duas pessoas se amem paralela e mutuamente. O amor correspondente não pode ser forçado, planejado ou implantado via esforço, ele acontece ou não. Com isso, encontra-se constantemente na margem da infelicidade, dispondo assim da oportunidade de celebrar, no clímax do romance romântico, o amor mútuo como milagre e salvação da incerteza absoluta.

Pode-se perfeitamente amar sem que o outro ame. É uma questão de solidão. É a razão pela qual, em algum sentido, o amor é sempre cheio

de solicitações de um para com o outro. É aí que está sua fraqueza, porque pede sempre algo ao outro, enquanto que, no estado de paixão entre duas ou três pessoas, há algo que permite comunicar intensamente. (FOUCAULT, 1982, p.2).

O desejo amoroso se espalha e contamina qualquer ambiente, dando-lhe contornos eróticos ou amorosos – amizades, parcerias, paqueras, casos, namoros. O amor transborda os limites da vida privada e desliza nos interstícios da vida pública, com registro semelhante ao da sexualidade, no seu sentido mais amplo; assim como o sexo é fundamental para a vida do indivíduo, o amor essencialmente compõe parte da vida humana, mas atua nos seus bastidores, nas escondidas, na sala secreta do coração humano, um desejo sutil, que parece frágil, mas, nem por isso exerce pouca influência, ao contrário, é explosivo, intenso, uma força poderosíssima, porém, muitas vezes dissimulada. Desde a Modernidade, o amor passou a ser a expressão máxima da realização pessoal.

Alicerce da felicidade individual e seus derivados: cumplicidade, parceria, segurança afetiva, solidariedade, constituição da família, prazer sexual acrescido de carinho e sentimento. Sua ascensão no mundo moderno, em parte, se deve ao que passou a ser o homem comum no mundo capitalista: força de trabalho e agente de consumo.

Ainda que o discurso da ciência e da política reserve à vida passional e amorosa o espaço da tradição, da norma e da ordem, na clandestinidade, o amor (e seus prazeres e ciladas) sobrevive intensamente nos entremeios dos lugares das responsabilidades sociais, depois (ou antes) dos estudos, da carreira profissional, da conquista de bens e da reprodução da família.

Segundo Costa (2004), “[...] à margem da racionalidade, que determina o pensamento dessa época, as emoções e sentimentos, sobrou o endereço particular das relações amorosas para o indivíduo experimentar sua natureza humana sensível.”

Esse amor, também chamado de amor romântico, surge na história da humanidade como um produto cultural do retraimento do homem comum da malha social mais ampla. Em uma perspectiva mais ampla, olhando do alto, o amor romântico é uma construção social da burguesia em ascensão, a ideia ganha força a partir de meados do século XVIII, em que tornar-se um fenômeno social, juntamente com o advento do individualismo moderno, que caracterizará o conjunto de estratégias, de potências e vontades, típicas da organização da sociedade capitalista. No espaço da individualidade, a sociedade capitalista e suas relações abstratas, racionais e

instrumentais, criarão o espaço para a produção da subjetividade, e como tudo na lógica do capitalismo, até o outrora livre e singelo amor, será fundamental para a formação e manutenção da identidade dos indivíduos modernos.

Nos textos românticos, os acontecimentos parecem existir e subsistir como mero pretexto para mostrar as paixões que emanam do coração, revelando aquilo que se oculta clandestinamente no interior do ser humano. Desvendam também as facetas do bem e do mal que há em cada homem. Ao pretender penetrar na alma humana, o romântico quer desnudar o ser e expor o que ele esconde no seu íntimo.

A paixão e a exacerbação marcam todas as relações humanas descritas pelos românticos, com ênfase nas amorosas. O Amor é força que reina absoluta, maculando de forma indelével os corações. Toda espécie de argumentos racionais ou racionalizados não são capazes de demover os impulsos passionais.

A publicação, em 1774, de *Os sofrimentos do jovem Werther* contribuiu decisivamente para a divulgação do que ficou conhecido como o “mal do século”, o “*Weltschmerz*”, misto de melancolia e de pessimismo, de exacerbação amorosa e de expansão incondicional dos estados de espírito para a Natureza, e de entusiasmo pela morte, posturas que marcaram os escritos românticos.

Werther terá essa condição junto a Charlotte, mas também será ele próprio “o mais”: apaixonado, enlouquecido, miserável, tudo graças à sua paixão. Atentemos, pois, que o exagero romântico já se faz presente no prenome<sup>7</sup> do protagonista, Werther, “o mais” importante na sua relação com o mundo que o cerca.

Duas tendências antagônicas moverão Werther: a necessidade e a busca de evasão do mundo dos homens junto à Natureza, para uma pretensa fusão com o infinito; e a busca do apaziguamento nos braços de uma mulher aparentemente simples e prática.

Werther é o moço estudado, de origem burguesa, que vai ao interior da Alemanha como uma espécie de assessor de um embaixador, e que conhece a jovem Charlotte, filha do bailio (antigo magistrado provincial alemão) da pequena cidade de Wahlheim onde se estabelece. Após a morte da mãe, Charlotte torna-se a responsável pelos cuidados da casa, do velho pai e dos irmãos menores. Ela é inicialmente assim descrita: “[...] uma jovem bem proporcionada, de estatura média, trajando um singelo vestido branco adornado de laços cor-de-rosa nas mangas e no corpete” (GOETHE,

---

<sup>7</sup> Em alemão o adjetivo *wert* significa “digno, merecedor, prezado, estimado”; há também o substantivo masculino *Wert*, que significa “mérito, valor”. Quanto à expressão *werter*, refere-se ao superlativo, ou seja, “o mais estimado, o mais prezado”.



2010, p. 25). Mais adiante, porém, Werther esboçará impressões sobre a jovem, frutos da contundência de sua percepção e do enleio criado pelo cenário natural de Wahlheim.

Durante a conversa, como me encantavam os seus olhos negros! Como sentia toda a minha alma atraída por aqueles lábios cheios de vida, aquelas faces viçosas e vivazes! Tu [Wilhelm], que me conheces, bem podes imaginar como eu, absorto no sentido do que ela dizia, muitas vezes nem ouvia as palavras com que se expressava! [...] Estava tão imerso em sonhos, em meio ao crepúsculo que tudo envolvia que mal prestei atenção aos sons da música, provenientes do salão iluminado. (GOETHE, 2010, p. 28).

Contudo, o que poderia ser o início de um grande e bem sucedido amor, tem um obstáculo: o noivo de Charlotte, Albert. Configura-se, então, uma espécie de triângulo amoroso: Charlotte (o vértice, que ora pende para Werther, por seu amor ao belo, ao mundo subjetivo, ora por Albert, por razões de ordem prática), Werther (o mais sonhador, o mais apaixonado dos homens, inapto para o convívio com o mundo prático) e Albert (ativo, prático, consciente de suas obrigações para com o mundo objetivo).

Neste sentido, a obra literária “*Os sofrimentos do Jovem Werther*” pode ser considerada uma síntese do Sturm and Drang, pois o personagem é um artista imaginativo e solitário, um gênio que é atraído pela natureza, que vive um sentimentalismo sem fronteiras, se entrega a um amor romântico, se lança a uma morte trágica, se deixa dominar por uma loucura passional e repudia ao racionalismo, às leis e a ordem.

### **A tragicidade do fim existencial do Jovem Werther**

A morte de Werther ostenta natureza heroica, pois se o amor é compreendido como um ideal, o mundo sem a presença do idealizado amor se torna inabitável. O suicídio é um tema sempre presente na literatura de caráter romântico do período de Goethe. Nela, os personagens buscam a morte voluntária motivada por razões passionais e aparentemente individuais. O amor impossível e/ou não correspondido é um dos seus motes preferidos. A fonte da literatura é a realidade, o contexto histórico, cultural, social, político e econômico em cada época e espaço territorial. Assim, para além das motivações individuais que induzem ao suicídio, é preciso compreender as sociedades nas quais se inserem estes indivíduos, isto é, o espaço-tempo do social.

E isto nem sempre a literatura fornece em sua plenitude: é preciso recorrer à história, à sociologia, à filosofia etc. Contudo, a literatura continua importante para a compreensão da alma humana, dos seus dilemas universais. Neste sentido, ela nos permite atingir o substrato dos indivíduos imaginários e nos ajuda a compreender melhor os indivíduos reais.

Na filosofia, o tema do suicídio é amplamente discutido e presente na obra, *O Mito de Sísifo*, de Albert Camus (2005, p. 7):

Só existe um problema filosófico realmente sério: é o suicídio. Julgar se a vida vale ou não a pena ser vivida é responder à questão fundamental da filosofia. O resto, se o mundo tem três dimensões, se o espírito tem nove ou doze categorias, aparece em seguida. São jogos. É preciso, antes de tudo, responder. E se é verdade, como pretende Nietzsche, que um filósofo, para ser confiável, deve pregar com o exemplo, percebe-se a importância dessa resposta, já que ela vai preceder o gesto definitivo. Estão aí as evidências que são sensíveis para o coração, mas que é preciso aprofundar para torná-las claras à inteligência.

Assim, notamos que problemas essenciais, para o autor de *O mito de Sísifo*, são aqueles que eliminam ou aumentam a paixão de viver. Por isso, a questão do sentido da vida é fundamental. Todavia, na perspectiva camusiana, trata-se “da relação entre o pensamento individual e o suicídio” (CAMUS, 2005, p. 100), pois “começar a pensar é começar a ser minado” (CAMUS, 2005, p. 100), é a lucidez diante da existência que pode levar o homem à rejeição do existir. Há causas para o suicídio. Nossa intenção não é mostrar o instante exato em que o espírito apostou na morte, mas investigar o que esse ato supõe: “[...] morrer por vontade própria supõe que se reconheceu, mesmo que instintivamente, o caráter ridículo desse costume, a ausência de qualquer motivo profundo para viver, o caráter insensato da agitação cotidiana e da inutilidade do sofrimento.” (CAMUS, 2005, p. 101).

O desejo da morte como negação do eu não se restringe a ser apenas uma fuga, mas abre simultaneamente a visão de uma identificação com o outro do social, a natureza elementar. Numa cena muito citada, Werther experimenta a dissolução do “eu” nas forças elementares como momentos de prazer. Olhando, do topo de um rochedo alto, o vale sendo invadido pelo rio transbordado, comenta:

Neste momento percorreu-me um tremor e, ao mesmo tempo, um desejo intenso. Ah, com os braços abertos diante do abismo, todo meu ser anelava as suas profundezas, e perdi-me na volúpia da ideia de

precipitar naquele torvelinho meus tormentos e meus sofrimentos, de ser arrastado como uma onda! (GOETHE, 2010, p. 132).

O amor para Werther se torna uma força perdida, que deve perder-se imediatamente porque não é nunca recíproca. É sempre o sofrimento, o niilismo total, como a vida e a morte. Uma das coisas mais impressionantes do livro é o que se passa entre estes dois personagens, sobre a natureza destes pequenos mundos e, ao mesmo tempo, há uma espécie de clareza, de evidência. É o social que fala no discurso de Charlotte, pois a mesma sucumbe ao encanto da paixão, mas por causa de sua situação social em que se encontra, rejeita-a e se afasta de Werther, que se retira e não entende, caminhando para o seu fim. Conforme Camus nos explicita:

O suicídio sempre foi tratado somente como um fenômeno social. Ao invés disso, aqui se trata, para começar, da relação entre o pensamento individual e o suicídio. Um gesto como este se prepara no silêncio do coração, da mesma forma que uma grande obra. O próprio homem o ignora. Uma tarde, ele dá um tiro ou um mergulho. [...] Não se pode desejar palavra mais exata. Começar a pensar é começar a ser minado. A sociedade não tem muito a ver com esses começos. O verme se acha no coração do homem. É ali que é preciso procurá-lo. É preciso seguir e compreender esse jogo mortal que arrasta a lucidez em face da existência à evasão para fora da luz. (CAMUS, 2005, p. 7).

O suicídio representa a profunda interrogação sobre o sentido da vida. Porém, muitas pessoas ficam apenas na interrogação, “trata-se da maioria” (CAMUS, 2005, p.102), refletem sobre sua existência, mas nunca decidem sair de sua condição de existente, pois “o corpo recua diante do aniquilamento” (CAMUS, 2005, p. 102), sendo que “adquirimos o hábito de viver antes de adquirir o de pensar” (CAMUS, 2005, p.102).

Raramente alguém se suicida por reflexão (embora a hipótese não se exclua). Visto que esse ato elimina o confronto que há entre o homem e o mundo, ele é uma fuga, não uma solução. “Ele [o suicídio] é uma fuga da realidade, porque retira do homem a responsabilidade de seu próprio destino” (PIMENTA, 2004, p. 52-3). O que desencadeia a crise é quase sempre incontrollável. Os jornais falam frequentemente de “profundos desgostos” ou de “doença incurável”. Werther, nosso jovem personagem, abraça voluntariamente e desesperadamente a morte:

Veja Charlotte, que não tremo ao pegar a fria e terrível taça por onde quero beber a embriaguez da morte! É você quem me apresenta e eu não hesito um só momento. É assim que se consumam todos os votos,

todas as esperanças da minha vida, todas! Quero bater, gelado e rígido, à porta de bronze da morte! (GOETHE, 2010, p. 117).

Em uma primeira leitura, pode parecer que para Werther a falta de sentido, de alcançar o seu êxtase romântico, o leva obrigatoriamente a declarar que a vida não vale a pena ser vivida, porém, com um pouco de prudência, percebemos que “na verdade não há nenhuma medida obrigatória entre esses dois juízos” (CAMUS, 2005, p. 103). Segundo Albert Camus, não há uma inferência entre o absurdo e o ato de abandonar a vida, sendo que no homem há um desejo natural de viver. A tragicidade de uma obra se estabelece por um conflito irremediável. Apesar de seus esforços, Werther é incapaz de superar suas dores e restabelecer a plenitude que o inundava no início do romance. Depois de conhecer e se aproximar de Lotte, sua felicidade foi condicionada à paixão.

[...] É um estado, é algo que te toma de assalto, que se apodera de você, que te agarra pelos ombros, que não conhece pausa, que não tem origem. Na verdade, não se sabe de onde vem. A paixão simplesmente vem. É um estado sempre móvel, mas que não vai em direção a um ponto dado. Há momentos fortes e momentos fracos, momentos em que é levada à incandescência. Ela flutua. Ela balanceia. É uma espécie de instante instável que se persegue por razões obscuras, talvez por inércia. Ela procura, ao limite, manter-se e desaparecer. A paixão se dá todas as condições para continuar e, ao mesmo tempo, para se destruir a si própria. Na paixão, não se é cega. Simplesmente, nestas situações de paixão não se é quem se é. Não tem mais sentido de ser quem se é. Veem-se as coisas muito diferentemente. (FOUCAULT, 1982, p.1-2).

E nada que antes o tranquilizava agora surte efeito. Isto se torna ainda mais claro se compararmos a relação de Werther com a natureza ao longo da obra. Ao fim do romance, este contato revela todo o impulso imbatível e destrutivo que conduzirá o personagem a seu desfecho trágico. Se na primeira parte, como já apontado, o contato com a natureza era o caminho para Deus e sua perfeição, ao longo da segunda parte as paisagens servem de espelho à sua gradual depressão, como se vê neste trecho: “Do mesmo modo como a natureza declara agora o outono, também dentro e em volta de mim o outono se manifesta. Minhas folhas amarelecem, e as folhas das árvores vizinhas já caíram.” (GOETHE, 2010, p.103).

Pelas últimas páginas, já sem controle nenhum sobre seus atos, Werther desobedece a um pedido de Lotte e vai até sua casa. Lá, sozinhos, entregam-se às emoções e choram com a leitura que ele faz dos cantos de Ossian - tudo isto é narrado pelo editor. E aqui ocorre a catarse da tragédia. Totalmente à mercê de suas emoções,

Werther toma Lotte pelos braços e a beija impetuosamente, certo de que seus sentimentos eram correspondidos. Mas Lotte o afasta e se mostra furiosa, expulsando-o de casa.

Werther ultrapassa todos os limites de sua amizade com Lotte ao tê-la como único caminho para a felicidade, o que acaba por afastá-lo dela e destruir os laços entre os dois. Por causa do seu próprio gênio, a infelicidade se revela irremediável. Mas a opção pelo suicídio não se dá por tristeza ou covardia, muito menos por simples loucura ou frenesi.

Neste período, e sob tais circunstâncias, fez-se cada vez mais forte na alma de Werther a decisão de desertar da vida. Depois de seu reencontro com Lotte, tal resolução havia sempre representado seu último anseio e esperança; considerava, porém, que aquilo não devia ser uma ação súbita, precipitada. Queria fazê-lo com plena convicção, com determinação calma e serena. (GOETHE, 2010, p. 132).

Mas a escrita não basta. Seus sentimentos irrompem de maneira tão aguda que é impossível traduzi-los com palavras. Por várias vezes, Werther demonstra essa impossibilidade, seja a felicidade ou a angústia, os sentimentos puros e intensos são inefáveis. Cada vez mais sufocado pela irreabilidade de seus desejos, o jovem apaixonado decide dar cabo de sua vida em uma profunda e lastimável atitude, o ato que encerra de vez o seu agonizante sofrimento. O mundo nada mais tinha a lhe oferecer, senão dor.

Era meia-noite e suas últimas palavras foram um adeus à amada: “Um vizinho viu o clarão da pólvora e ouviu o estampido, mas como tudo voltou ao completo silêncio, não se inquietou mais”. O jovem Werther não morreu imediatamente. Ao amanhecer seu criado encontrou-o ensanguentado no chão e chamou o médico. Não havia mais o que fazer e Werther, ao meio-dia, expirou. Enterraram-no local escolhido por ele: “O corpo foi conduzido por trabalhadores. Nenhum padre o acompanhou”.

Defende Werther ao longo da obra, que um suicídio não é simplesmente um ato de fraqueza, mas o transbordamento do seu próprio “fogo interior”, comparável à loucura ou mesmo a uma revolução.

### **Considerações finais**

O suicídio representa a profunda interrogação sobre o sentido da vida de Werther e a tragédia não se limita ao fato do jovem tirar a própria vida. É na irreduzível distância separando-o da felicidade que reside a tragédia de Werther na qual sua própria plenitude contém seu esgotamento. E tal separação não ocorre no momento em que a

bala atinge o cérebro, e sim quando se confirma que a felicidade lhe é impossível, pois só viria da obtenção de algo que ele nunca poderia ter: o amor de Lotte. Assim que encontra o sublime, já percorre a estrada para o sofrimento.

Toda esta tragicidade não poderia ser alcançada sem a estruturação do romance em duas camadas. Werther, completamente imerso em seu destino, jamais poderia narrar a própria história, pois desde as primeiras epístolas já demonstra ser refém do inevitável. Temos em suas cartas o testemunho lírico de seus sentimentos mais profundos; no entanto, é graças ao editor ficcional que temos o protagonista como narrador, mesmo que inconsciente, de seu destino.

Se durante a primeira parte Werther demonstra estar completamente à mercê de seu destino, mesmo que – indiretamente – ocupasse a posição de narrador da própria história, o final do enredo é marcado por uma imersão ainda maior do protagonista em seu destino, logo que o editor passa a exercer a função de narrador. “Todo o trágico baseia-se em uma oposição irreconciliável [*unausgleichbar*]. Assim que surge ou se torna possível uma reconciliação [*Ausgleichung*], desaparece o trágico.” (GOETHE, 1910, apud SZONDI, 2004, p. 48).

A reconciliação não se faz possível, apesar das tentativas do personagem. Está fora da sua alçada qualquer esperança de salvação, pois sua própria essência causa a maldição. E todo o percurso gradual e inalterável de sua ruína é acompanhado por nós graças à mediação do editor, que garante o intermédio entre o leitor e Werther. Magnificamente orquestradas, as duas camadas narrativas complementam-se em um jogo que, assim, concebe o jovem Werther como um herói essencialmente romântico e irremediavelmente trágico.

## REFERÊNCIAS

CAMUS, A. **O mito de Sísifo**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

COSTA, J. F. **O vestígio e a aura**: corpo e consumismo na moral do espetáculo. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

FOUCAULT, M. **Entre o amor e os estados de paixão**: conversa com Werner Schroeter. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. Paris: Goethe Institute, 1982. p. 39-47. Disponível em: <<http://portalgens.com.br/portal/images/stories/pdf/estadosdepaixao.pdf>>. Acesso em: 06 jul. 2016.

GOETHE, J. W. **Os sofrimentos do Jovem Werther**. Porto Alegre: Martin Claret, 2010.

PIMENTA, A. **A ética da revolta em Albert Camus**. 2004. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal de Goiânia, Goiânia, 2004.

SZONDI, P. **Ensaio sobre o trágico**. Tradução de Pedro Sússekind. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.